

'Maioria silenciosa', o grupo de oposição

O "sacro colégio" articula, faz discursos, mas nem sempre consegue dominar o plenário. E que em oposição a ele há uma maioria silenciosa, formada por parlamentares muitas vezes desconhecidos que, na hora certa, aparecem e votam — por coincidência, sempre com o Governo. Esses parlamentares quase nunca ocupam a tribuna — quando muito se utilizam do expediente da Casa, que permite encaminhar o pronunciamento à Mesa e "dar como lido" —, poucas vezes apresentam projetos e jamais sentam à mesa de negociação.

No dia-a-dia do Congresso, os "notáveis" dominam o cenário nos debates. Mas quando o Governo precisa de uma decisão, repentinamente, o plenário lota. E o que a Oposição, quando perde a votação, chama de "o rolo compressor": a capacidade de mobilização do Governo nos momentos importantes.

Isso aconteceu pelo menos duas vezes nos últimos tempos: no dia da votação do mandato do Presidente Sarney, durante os trabalhos da Constituinte, quando todos os parlamentares estiveram presen-

tes. A surpresa foi tanta que, apesar da derrota, a Oposição aplaudiu — junto com os governistas — na comemoração com a casa lotada. Outro momento de quorum alto aconteceu este ano, no dia da votação da Medida Provisória 168, do Presidente Collor, que implantou a reforma monetária no País — uma das bases do Plano Collor. Todas as cadeiras ficaram ocupadas, mas não se chegou ao quorum máximo — estiveram presentes 453 parlamentares. Os votos que asseguraram a vitória de Collor partiram basicamente dos mesmos que garantiram mais um ano de mandato a Sarney.

Na "maioria silenciosa" estão basicamente parlamentares do PFL, PMDB, PDC e PTB. Em comum, d b, titm o líder: quem falar em nome do Governo. Délio Braz (PMDB-GO), por exemplo, não seguiu a orientação de seu partido para votar a favor do projeto de conversão à Medida Provisória 168, cujo relator era de seu partido — o Deputado Osmundo Rebouças. Ele preferiu votar com o Governo. Assim foi, no tempo de Sarney e, agora, na gestão Collor.

O Deputado Jonival Lucas (PFL-BA) é um homem de partido. Votou com o PFL a favor de Sarney e vota com o PFL a favor de Collor. No Governo passado, fez 26 indicações para o Funrural e volta à Câmara ano que vem, também sem ter apresentado qualquer projeto de lei.

É a mesma situação de Iberê Ferreira. Um dos campeões de indicação do Funrural no Governo passado — para 22 municípios — vota sempre com o Governo e também não colocou no papel qualquer projeto de lei.

Roberto Balestra (PDC-GO) raramente comparece ao Congresso. Quando aparece, vota com o Governo. Nestas ocasiões, tem oportunidade de apresentar projetos. Já fez isso cinco vezes. Um dos projetos altera o Programa Nacional do Alcool — Próalcohol — área em que atua como empresário. Também propôs a convocação do então Ministro das Minas e Energia, Vicente Fialho, para falar de um escândalo que envolveu a Petrobrás Distribuidora.